

NOELISTAS: MULHERES INTELLECTUAIS EM DEFESA DA ORDEM (1930-1945)¹

Simone da Silva Costa²

A instalação do governo pós-revolucionário (1930), e juntamente com ele incertezas e ameaças contra o mesmo, a exemplo de movimentos revolucionários e a incidência de idéias comunistas, fizeram com que Estado e Igreja unissem em defesa de uma ordem que, de um lado, queria instaurar e do outro que queria manter. Com a mesma preocupação, a Igreja amplia sua ação social no sentido de colaborar com os esforços do governo e começa a apoiar e incentivar núcleos com fins assistencialistas. Dentre esses núcleos, o Núcleo Noelista (Noel), vai ser não somente, bem visto pela Igreja como também será bem aceito a sua fundação, em que senhoras, colocavam em prática ações, que possuem o mesmo objetivo controlador.

Além das práticas assistencialistas desenvolvidas por essas senhoras da sociedade que constituía o núcleo, estas também se limitavam a formar e unir uma elite cristã, preocupada com a formação moral e social do segmento feminino paraibano. Dessa forma, Estudar as noelistas na Paraíba é compreender as relações que estas tiveram no contexto político, social e religioso da época. Temas como: cultura feminina, neocristandade, comunismo e política de controle social perpassam o estudo.

Para tanto, foi analisado o jornal A IMPRENSA , semanário católico da Diocese Paraibana, fundado a 27 de maio de 1897, e que surge entrelaçado a elite eclesiástica com a elite política da época. Ao longo de sua duração, interrompeu sua circulação diversas vezes. A partir de 1931, a publicação do jornal passou a ser responsabilidade da União dos Moços Católicos que, além de torná-lo diário, deu uma nova feição ao jornal, como noticiário independente, mas sem perder o caráter religioso.

Opinava sobre os mais variados assuntos, desde o ensino religioso, questionamentos sobre a moda, a moral, os costumes e, sobretudo, a política local e internacional.

A utilização do jornal como fonte de pesquisa é imprescindível para a reconstrução de uma época, pois registra a vida cotidiana, retratando as práticas e os costumes sociais, além de expor os projetos e reivindicações da classe ou segmento social que mantém financeiramente e/ou dirige o jornal. Assim sendo, o historiador encontra subsídios para a compreensão dos aspectos políticos, sociais, econômicos e ideológicos de uma sociedade.

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Local Para Além das Fronteiras: Fontes de Pesquisa e Metodologia Aplicada”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Mestranda em História pela Universidade Federal da Paraíba.

As noelistas, as quais denomino de intelectuais da ordem, constituem um grupo leigo oriundo da Igreja católica formado por senhoras da sociedade, fundado na Paraíba no início da década de 1930, mas que possuía ramificações em vários estados do Brasil e também em outros países.

As atividades das noelistas abrangiam um campo muito vasto: lições de catecismo, círculos de estudos, obras assistenciais, vocações sacerdotais e a parte recreativa. O movimento noelista formou-se pela leitura da revista LE NOEL, que no Brasil passou-se a chamar Natal, e as relações estabelecidas entre suas leitoras. O Noel³ aumentava à medida que seus leitores cresciam quantitativamente e a França, seu país de origem, ficou pequena demais para contê-lo.

O Núcleo era formado por mulheres e jovens da sociedade e qualquer mulher ou moça poderia se tornar uma noelista, para tanto era preciso preencher os três seguintes requisitos: a) ter uma vida cristã exemplar, b) possuir uma educação ao alcance de entender as revistas do movimento, c) fazer a assinatura da Revista Natal, a porta-voz do movimento nacional do Noel e da Pequena Academia Noelista. A revista era produzida no Rio de Janeiro e circulava trimestralmente. Era constituída de matérias como, poesias, artigos religiosos, sociais, culinários, etc., escritas pelas noelistas de todo o Brasil e dedicadas às leitoras e também a leitores.

Fazia-se também necessário que a interessada, fosse maior de 15 anos, tivesse um pseudônimo aprovado pelo movimento e fosse dedicada a algum apostolado.

Abrangendo as mulheres das classes mais elevadas da sociedade, o núcleo se limitava a formar e unir uma elite cristã, preocupada com a formação moral e social do segmento feminino paraibano. O mesmo também pretendia a uma formação intelectual, que em relação à Paraíba, segundo as próprias noelistas, se restringiu ao prolongamento das lições recebidas no lar e nos colégios, resumindo numa formação doméstica e religiosa.

Contudo, o Núcleo da Paraíba, como parte integrante da União Noelista Brasileira, propunha-se, enquanto movimento católico de cultura e ação, à recristianização da sociedade o que as obrigavam a prestar pronta colaboração à Pequena Academia Noelista, que é uma seção mantida pela União, por cujo intermédio recebem os membros da associação, sob a assistência católica, formação religiosa, moral e intelectual.

O núcleo tinha como programa de ação obras de vocação sacerdotais, de catequese e de assistência social. A assistência social aos pobres e enfermos foi um dos ramos mais desenvolvidos na Paraíba. Dentre essas atividades desenvolvidas pelas noelistas, podemos destacar a recristianização do meio independente feminino, que se desenvolve, a partir do tríptico movimento de piedade, cultura e apostolado.

No que se refere ao apostolado e a piedade encontra-se as obras assistenciais, desenvolvidas na capital e que tem por finalidade atender às crianças pobres e aos desamparados, a exemplo dos trabalhadores pobres e os mendigos que ficam perambulando pelas ruas. Distribuíam enxovais às mulheres dos trabalhadores, quando estavam gestantes ou de resguardo, ministravam aulas de catecismo e organizavam festas beneficentes.⁴

Se analisarmos de forma superficial, a princípio, é apenas mais um grupo católico com função assistencialista dentre muitos que começara a se formar na Paraíba e no Brasil da época. No entanto, partindo de uma análise mais detalhada e diferenciada desse grupo (as noelistas), podemos perceber as relações que este tem com outros setores da sociedade (Igreja, Estado, e a sociedade) e, de sua real função dentro do contexto histórico em que está inserido.

Para tanto, proponho uma análise a partir do que Chartier chama de representações. Para ele, o campo de investigação sobre as representações é um campo em que as representações são colocadas como concorrentes cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. No nosso caso, as noelistas fizeram parte de um grupo que concorrem por poder e dominação e, que não pretendem perder domínio e poder. Analisar dessa forma é compreender que:

“as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1990. p.17)

A partir de então, os estudo das representações é tão importante quanto das estruturas para se analisar e conhecer o social e que as críticas que se faz as representações como metodologia para se conhecer o social são preconceituosas e infundadas, pois as lutas das representações são tão importantes quanto as lutas econômicas. Continuando, Chartier chama atenção para o conceito de representação que deve ser analisado de maneira particular e historicamente determinada, visto que:

“ as estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as sua figuras” (CHARTIER, 1990. p, 27)

Se analisarmos o contexto da época em que o núcleo foi fundado, início da década de 1930, o que vamos encontrar é um Estado Revolucionário, ameaça comunista e movimentos

³ O Núcleo recebeu o nome de Noel porque lembra o mistério do nascimento de Cristo, segundo as noelistas, é o mistério de alegria e comunicabilidade, tão próprios da mocidade - IN AEPB (Arquivo Eclesiástico da Paraíba). Núcleo Noelista da Paraíba, Grupo Presidência, série Legislação. (NN: P; C),

⁴ Livros de Atas de reuniões do Núcleo Noelista de João Pessoa. 1930-1939.

revolucionários, chegando a conclusão de que, a inauguração do Núcleo na Paraíba estava relacionado ao processo de controle sobre a classe trabalhadora e outros segmentos pobres da sociedade, fenômeno este, comum à outras regiões do país, como afirma Maria Auxiliadora Guzo de Decca:

A década de 1930 acentuou a preocupação mais disciplinadora e técnica das várias esferas do poder em relação à classe trabalhadora e setores mais pobres e destituídos da população urbana” (DECCA, 1989. p 50)

Essa relação de controle da sociedade, é bem ressaltada por Alceu Amoroso Lima, quando se refere ao pós 30:

“... o problema social entrou no Brasil numa nova fase. A criação do Ministério do Trabalho, o conseqüente Movimento Sindicalista e a publicação de leis sociais visavam a solução pacífica das questões de trabalho. Porém serviram aos comunistas, na medida em que esses percebem nessas ações mecanismos de controle dos trabalhadores. O resultado imediato foram as greves, posteriormente o movimento de 1935.” (LIMA, 1964. p,50)

Diante da ameaça, comunista e movimentos revolucionários, que a sociedade passou a sofrer, a Igreja ampliou sua ação social no sentido de colaborar com os esforços do governo, para por um fim à infiltração comunista. As senhoras da sociedade, partindo dessa preocupação da Igreja, colocaram em prática, ações com o mesmo objetivo controlador no sentido de tirar os trabalhadores e mendigos das ruas da Capital.

A partir de então, a Igreja começa a apoiar e incentivar núcleos com fins assistencialistas e contra o perigo vermelho, e, dentre esses núcleos, o Noel, vai ser bem aceito pela Igreja.

“ Era preciso retirá-los da rua. Pois estes eram um espetáculo deprimente. Porém o que sobressai nesta atuação é a preocupação em definir espaços assistenciais institucionalizados, capazes de asilar, característica esta da filantropia higiênica, enquanto estratégia de controle e disciplinarização da pobreza. (CARVALHO, apud CHAGAS, 1996: p.22)

Podemos então afirmar que o núcleo noelista foi um movimento historicamente produzido, visto que, elas ganharam espaço e visibilidade em uma época em que as suas práticas políticas e sociais articuladas, lhes era propício para a construção de suas figuras.

A fundação do núcleo constituiu assim, mais um instrumento “capaz de salvar a ordem” até então ameaçada tendo como prática de ação, a atividade intelectual em que se abordavam assuntos de interesse de um grupo como sendo da sociedade em geral. Assim, podemos com propriedade, chamá-las de **As intelectuais da Ordem**, visto que, elas constituíam a representação de uma ordem que se queria manter.

Seguindo essa perspectiva, GRAMSCI afirma que a elaboração das camadas intelectuais na realidade concreta não ocorre num terreno democrático abstrato, mas de acordo com processos históricos muito concretos. Formam-se camadas que, tradicionalmente

“produzem” intelectuais, mas que na verdade são as mesmas camadas. E dessa forma, as noelista como uma camada de intelectuais, foram produzidas pelas mesmas camadas que já produziram outros intelectuais.

No entanto, podemos também nos perguntar, se as noelistas tinham um projeto social de manutenção da ordem que se encontrava ameaçada, como sendo um projeto próprio delas, ou se elas representam um grupo que têm esse como o projeto social e vêm nas noelistas o exército salvador que vai coloca-lo em prática.

Diante disso, o que podemos afirmar é que esse projeto tem como grandes defensores a Igreja católica (instituição fundadora do núcleo), e o Estado. No entanto, as noelistas constituem um núcleo formado por mulheres da elite social que tinham uma formação tradicional e, portanto, também podemos pensar que, defendiam interesses do grupo social a que pertenciam, um grupo que possuía o poder e a dominação no estado e que não tinham o interesse em perder o poder e domínio do seu grupo social. E como prática de ação, os discursos das noelistas através da Revista Natal, servia de instrumento de controle e dominação por parte do exército feminino.

Para compreender melhor a questão, deveremos entender bem, a relação entre representação e representado.

“Na relação entre a representante e o representado, a relação de representação é confundida pela ação da imaginação (mestra do erro e da falsidade), faz tomar o logro pela verdade, que ostenta os signos visíveis como provas de uma realidade que não o é. Assim, deturpada, a representação transforma-se em máquina de fabrico de respeito e de submissão, num instrumento que produz constrangimento interiorizado que é necessário onde quer que falte o possível recurso a uma violência imediata” (CHARTIER, 1990. p22)

Partindo dessa relação entre representação e representado, podemos relaciona-la ao projeto noelista que ostenta os signos de uma sociedade em perfeita ordem, onde se sabe que o caminho a que os acontecimentos o levavam não é nem o da moral e nem o da conduta que elas defendem ser, passando assim, para os, ou melhor, para as que, comungam com suas idéias a serem constrangidas por estarem agindo de maneira contrária a “norma geral da sociedade”. Os discursos proferidos pelas noelistas, através da Revista Natal, tinha a função de ostentar signos e manter a “ordem” através da pena feminina.

Para Chartier, somente os homens da guerra, não usam da imaginação para mascarar uma realidade, porque eles se afirmam pela força, enquanto os outros o fazem por meio de dissimulações. Continuando, ele afirma que a articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito, coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo. Assim, são insatisfatórias as

abordagens que consideram o ato de ler como uma relação transparente entre o texto e o leitor. O texto e o leitor são então, histórica e socialmente variáveis.

Dessa forma não podemos analisar os discursos das noelistas como sendo neutras, mas sim analisando como discursos com uma orientação bem definida e conduzida pelo grupo ao qual faz parte e com o interesses que este quer tornar hegemônico.

No mundo moderno, a categoria de intelectuais, ampliou-se muito, e as imponentes massas de intelectuais, justificam-se nem sempre pelas necessidades sociais da produção, mas pelas necessidades políticas do grupo fundamental dominante.

A prática de ação desenvolvida pelas noelistas era assistencialista e intelectual. No entanto, que tipo de intelectual? Que tipo de formação intelectual?

Para Gramsci as mais importantes destas formas são duas: o orgânico e o tradicional

No intelectual orgânico, cada grupo social que desempenha uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si camadas de intelectuais que lhes dão homogeneidade, dão homogeneidade e consciência da função, não apenas econômica, mas também social e política do grupo a que pertence.

Os intelectuais “orgânicos” que cada nova classe cria, são aqueles que mantêm a ordem do grupo ao qual pertencem. Para tanto, “classe política” é a categoria intelectual do grupo social dominante, pode-se também afirmar que esse conceito de “classe política” é correlato ao de elite. A base desses dois conceitos está no fenômeno histórico dos intelectuais e sua função na vida estatal e social.

A segunda forma de intelectual são os considerados tradicionais (referido basicamente aos eclesiásticos), é analisado como sendo uma categoria de intelectuais preexistentes e representantes de uma continuidade histórica que não fora interrompido pelas modificações sociais e políticas.

O autor aponta como a mais típica dessas categorias intelectuais, os eclesiásticos, que segundo ele, monopolizaram durante muito tempo alguns serviços importantes: a ideologia religiosa, isto é, a filosofia e a ciência da época, através da escola, da instrução, da moral, da justiça, da beneficência, da assistência, etc. Afirma que a categoria dos eclesiásticos pode ser considerada como a categoria intelectual organicamente ligada à aristocracia fundiária (devido o exercício da propriedade e o uso dos privilégios status ligados à propriedade).

No nosso caso podemos então classificar a classe eclesiástica como sendo organicamente ligada ao grupo dominante, visto que, ela defendia interesses próprios mas também interesses ao grupo dominante. se pensarmos nas noelistas, em que contexto foram constituídas e sua prática de ação, que comunga interesses tanto religioso como político e social.

Na parte do movimento destinado a cultura feminina, ou formação intelectual, em que se prolongavam as lições recebidas no lar e nos colégios, em que, se pretendia orientar a verdadeira posição da mulher católica no meio que vivia, o que demonstra a influência, que elas tinham sobre as mulheres quanto ao comportamento, as noelistas se reuniam a cada mês, onde discutiam assuntos de comportamento e de ações a serem realizadas e dentro da formação intelectual, eram ministradas, pelo protetor, durante as reuniões, aulas de Apologética, partes da teologia a qual faz a defesa da religião contra os ataques hereges. Vale ressaltar, que a cada reunião, tinha-se a presença de um figura eclesiástica, que era denominado de protetor e que tinha a finalidade de orientá-las tanto nas questões religiosas como nas questões sociais.

Analisando esses dois tipos de intelectuais, sobre o núcleo noelistas nos perguntamos: a que grupo de intelectuais podemos classifica-las se, por um lado elas formam um núcleo fundado pela Igreja católica que é classificado como tradicional e, por outro defendem interesses que é comum ao seu grupo social .

Se pensarmos que elas têm uma função intelectual como sendo uma das finalidades do grupo e, que esse grupo, formado por mulheres do mais alto nível social e que foi fundado, isto é, nasceu dentro de outro grupo que é o dos eclesiásticos (que apesar de ser considerado como tradicional não tem nada de autônomo e tão pouco independente como afirma Gramsci) poderíamos então, classificá-las como sendo intelectuais organicamente ligadas a Igreja católica. Os intelectuais da categoria dos eclesiásticos, que por sua vez se caracterizam como tradicionais e, assim sendo, “autônomos e independentes”, mas que diante da conjuntura da época (dec. 1930 e 1940) em que, objetivos em comum entre a Igreja, o Estado e conseqüentemente a classe dominante convergiam, podemos então classificar também como sendo intelectuais organicamente ligados(as) ao grupo social dominante.

Nesses termos podemos afirmar que o núcleo noelista por desenvolver uma cultura que tem como função homogeneizar interesses que pertenciam ao seu grupo social (a elite paraibana), podemos caracteriza-lo como intelectuais orgânicos, já que, o grupo a qual pertencem desempenha uma função essencial no mundo da produção e então a necessidade desse grupo criar para si essa camada de intelectuais.

Como forma de difundir as idéias de comportamento, diante da sociedade, as noelistas de todo o país faziam uso da revista Natal, revista feminina de cultura, constituída de matérias dedicadas ao leitor, poesias, artigos religiosos, sociais, culinárias, entre outros. Escritas pelas noelistas de todo o país. A revista era o instrumento de divulgar as idéias do núcleo e torna-las homogênea. Ao analisar dessa forma devemos compreender que:

“As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa dos outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas .” (CHARTIER,1990. p.17)

Nesse aspecto, as noelistas e seus discursos sobre as suas percepções do social, não são de forma alguma neutros, pois se nos basearmos no que descreve Chartier, os seus discursos produzem estratégias e práticas (políticas, sociais e religiosas), impondo á sua autoridade às custas do que consideram subversivo, legitimando assim, o seu projeto em defesa da ordem, então ameaçada, determinando e justificando para os próprios indivíduos (pessoas de seu grupo ou não) as suas escolhas e condutas que devem seguir que, no caso é a fé e a moral cristã postas pela Igreja católica e apoiada pelo Estado que tinha todo um interesse em manter essa ordem que também era a sua, pois o mesmo se via ameaçado por questões que viesse a abala-lo como o avanço das idéias comunistas e a grande quantidade de mendigos e pedintes que viviam nas ruas podendo tornarem-se uma iminente força revolucionária contra o Estado.

Dentre as matérias, gostaria de analisar algumas como: *A Mulher e a Civilização*, de Vera de Melo Franco, em que afirma que : *“uma sociedade só é realmente civilizada quando o homem reconhece na mulher a sua igual”*.⁵ A princípio, podemos afirmar que esse discurso é o mesmo das feministas, no entanto, a afirmação não procede por completo, pois a igualdade, é no sentido de ser igual como ser humano. A mulher deve ser considerada, assim como os homens, seres humanos e, que desempenham papéis dentro da sociedade, sendo que estes papéis, não devem ser iguais, e sim distintos. Ela deve desempenhar funções, que para as noelistas, são próprios delas e que jamais deve-se confundir como as dos homens, visto que as mulheres possuem características fisiológicas e psicológicas, inerentes a sua natureza, “incapacitando-as” de certas funções, as quais só cabem aos homens.

A partir de então a autora coloca três fatores que elevam a situação da mulher na sociedade : *“ a instituição da família, a organização política dos Estados e o Cristianismo”*.⁶ É o discurso da mulher mãe, esposa, dona de casa e cristã, que faz presente no período pós Segunda Guerra, no movimento de retorno da mulher ao lar. O episódio da Segunda Guerra Mundial, impulsionou a participação das mulheres no esforço da guerra, reforçado pelo desenvolvimento econômico. No entanto, o mesmo sentimento que impulsionou a participação da mulher nos setores econômicos, levando-a para o mercado de trabalho, com o fim da guerra, influenciou campanhas para o retorno da mulher ao lar .

⁵ Revista Natal. Jan/mar, 1947. Ano XXV – Ns. 141-143, p 10.

⁶ Idem ibd.

Contudo, a mulher havia criado novos hábitos e tornara-se bastante difícil, conformá-la com a dependência econômica a que tinha sido submetida até então, sem falar no sentimento de liberdade, que o trabalho fora do lar lhe proporcionava.

“A atitude cristã em relação à mulher é muito mais generosa e idealista ainda, porque reclama a plena independência da mulher como membro do corpo Místico da Igreja. A idéia da família, conquanto sagrada para a mulher cristã, é nobre em si mesma, não absorve sua personalidade nem restringe seus deveres para com Deus. Ela não existe simplesmente em função de mãe, esposa ou filha. O marido ou o pai podem exigir dela obediência e dedicação, mas apenas no limite que é permissível. Que diferença entre essa atitude e a submissão da antiguidade !”⁷

O texto tenta mostrar, não só o papel que deve ser seguido pelas mulheres, mas também, um “avanço”, no que diz respeito às conquistas referentes à mulher, mostrando a diferença entre a situação do período e o estado de submissão da Antigüidade. Algo que não condiz com o aspecto transformador do processo histórico, visto que, ele analisa a história de forma linear, o que é um grande perigo, visto que, esquece todo o movimento de lutas e conquistas do movimento feminista que marcou as décadas anteriores.

A mulher lhes cabe o papel fundamental de cristianizar e civilizar, não as devendo, seguir idéias subversivas e revolucionárias, (que pregavam o comunismo), que venha a tirá-las de seu verdadeiro caminho: mãe, filha, esposa e cristã:

“Possas ela ser sempre entre nos uma incansável operária na construção de um Brasil verdadeiramente civilizada, onde se prepara com paciência, firmeza e fé o advento do reino de Cristo”⁸

É nesse sentido, de formador do perfil feminino, que as noelistas atuavam em relação a cultura. Um outro artigo, intitulado, *MULHER E SOCIEDADE: atitude de uma moça moderna em face aos contatos sociais*, em que discute as atitudes das moças frente a família e ao lazer. Aos divertimentos, refere-se ao cinema, como tendo trágicas conseqüências para a formação do caráter da juventude feminina, por conter aspectos impróprios e desmoralizantes e, mesmo os classificados como próprios, contém aspectos “pecaminosos”.

“A Ação Católica adverte às consciências, classificando os filmes sob o ponto de vista moral. Mas aqueles que se restringem a pessoas de critério seguro são assistidos por crianças, adolescentes, jovens. E no final das contas saem admirados por que o filme era impróprio... E o impróprio não fora percebido. Mas não digo : ‘ Graças a deus não fora percebido’, porque o mal mesmo ignorado, se alojou no subconsciente. Mais tarde ele desperta, por força de outra circunstância, e vem a recordação de cenas já tidas como imorais. E se ela consente nesta recordação, peca.”⁹

⁷ Idem p,11

⁸ idem p,11

⁹ Mulher e Sociedade. Maria Zélia Cavalcante (Núcleo PB).. Revista Natal- jan/mar, 1949 ,p28.

As noelistas em suas práticas assistem não só aos desamparados, pondo as mulheres em movimento em torno de uma causa que se presta em favor dos necessitados mas, demarcam e delimitam os espaços e as atitudes que deveriam ser seguidas pelas mulheres. As práticas noelistas foram não só, bem aceitas pela Igreja Católica, mas, utilizadas como práticas de recristianização da sociedade, movimento em que a Igreja estava empenhada na no chamado movimento da neocristandade, liderado por D. Sebastião Leme.

Partindo da perspectiva que:

“as representações do mundo social assim construídas (por um grupo ou meios intelectuais), embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 1990. p.17)

Podemos afirmar que as noelistas, provenientes de um grupo social de elite e com uma formação intelectual religiosa, defendem interesses que se mostram universais, mas que, no entanto, são interesses próprios de seu grupo que não pretende desestruturar a “ ordem” então estabelecida pelo grupo, tornando as relações sociais estáveis e favoráveis ao mesmo grupo que a estabeleceu.

Assim, as necessidades que as noelistas apresentavam, como sendo da sociedade em geral como a de ser mãe, esposa e dona de casa, são necessidades do grupo a qual elas pertencem e defendem interesses delas próprias, que acreditam ser o ideal e dos homens que se viam cada vez mais ameaçados pelas mulheres que começava a competir com eles no mercado de trabalho e na vida pública em decorrência da sociedade que começara a se modernizar. Setores da sociedade temiam essa modernização no comportamento social que em consequência acompanhava outros setores como a economia e a vida social, por exemplo.

A figura da mulher sempre esteve associada a criatura doce e amável, que deveria ter como exemplo a Virgem Maria. Era uma criatura, nunca uma criadora, capaz de produzir algo fora do lar e, quando ela passa a desempenhar funções fora do seu “ habitat natural” , o lar, é vista não como uma companheira do homem ,mas como adversária.

O episódio da Segunda Guerra Mundial impulsionou a participação das mulheres no esforço da guerra, reforçado pelo desenvolvimento econômico. No entanto, o mesmo sentimento que impulsionou a participação da mulher nos setores econômicos, levando-a para o mercado de trabalho, com o fim da guerra, influenciou campanhas para o retorno da mulher ao lar e, dessa vez, maior e mais intenso do que no período da primeira Guerra, onde a mulher foi inicialmente inserida no mercado de trabalho.

Contudo, a mulher havia criado novos hábitos e tornava-se bastante difícil, conformá-las com a dependência econômica a que tinha sido submetida até então, sem falar no sentimento de liberdade, que o trabalho fora do lar lhe proporcionava.

O movimento do retorno da mulher ao lar, já referido anteriormente, teve o grande apoio da Igreja. Era comum reportagens no jornal A IMPRENSA da Paraíba, afirmando que o lugar da verdadeira mulher cristã é no lar, sendo uma boa esposa, dona de casa, companheira do marido, auxiliando-o na administração de seu lar e estimulando-o em suas atividades fora de casa, não querendo competir com ele fora do seu lar, o que demonstraria uma atitude anti-cristã.

Esse era o estereótipo da mulher ideal, marcando o comportamento da primeira metade do século XX.

A medida que essa mulher ia conquistando espaços fora do lar, conquistava também o despreço da sociedade da época. O fato de mulheres terem uma vida pública era visto como algo inadmissível dentro de uma sociedade que se pretendia cristã.

À mulher, cabia-lhe somente a dedicação ao lar, comportamento que se mostrava contrário, era visto com maus olhos, uma atitude subversiva. Esse comportamento era, para a Igreja, algo que se deveria ser corrigido, e cabia à própria mulher essa missão visto que sua visão, nesse momento em relação à mulher, era a de salvadora da moral e da fé cristã. Ela tinha a importante função de formadora de lares e do pensamento dos seus, e o pensamento que teria que ser passado, era o da fé e da moral cristã.

Com o objetivo de se cumprir essa missão, de fé e moral cristã o Núcleo Noelista da Paraíba, deu a sua significativa contribuição, visto que a União Noelista visava a recristianização do meio independente feminino, desenvolvendo, entre seus membros, e através destes, um movimento católico de cultura e ação, a recristianização da sociedade.

Nessa missão recristianizadora, o Núcleo tem como programa de ação prestar colaboração nas obras das vocações sacerdotais, de catequese e de assistência social. A assistência social dos pobres e enfermos é um dos principais ramos do movimento noelista.¹⁰

É, portanto, a partir desses movimentos leigos, orientados pela Igreja Católica, que se deu prosseguimento ao movimento da neocristianidade, assim como se determinou o perfil e o comportamento, que a mulher da época deveria seguir para se tornar uma verdadeira mulher cristã, ideal esse marcante na época. Vale salientar que esse modelo de mulher era um modelo determinado pela elite e pela classe média paraibana e era absorvido pela população.

REFERÊNCIAS.

Fontes:

Jornal A UNIÃO (década de 1940)
 Jornal A IMPRENSA (década de 1940)
 NATAL – Revista feminina de cultura (1947-48-59-60)
 Livros de Atas das reuniões do Núcleo Noelista de João Pessoa. 1930-1939.

¹⁰ IN AEPB. Núcleo Noelista da Paraíba, Grupo Presidência, serie legislação. (NN: P;C)

Bibliográficas:

CARONE, Edgard. **Brasil: Anos de Crise (1930-1945)**. São Paulo: Ática, 1991.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. **Prática Política e Transformações no Cotidiano dos Trabalhadores em João Pessoa**. Recife, Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em História, da UFPE, 1996.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1990.

DECCA, Maria A. G. de. **O cotidiano de trabalhadores na República- São Paulo, 1989-1940 – São Paulo: Brasiliense, 1989.**

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1995 (cap.7)

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 9ª ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.

LIMA, Alceu A. . **Manual do Círculo Operário**. Rio de Janeiro: Olímpia. 1964.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel e MATOS, Maria Izilda S. de . **Gênero em Debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1997.

SCOTT, Joan. "História das Mulheres". *IN* BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: ED. UNESP, 1992.

SKIDMORE, Thomas . **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Saga, 1969 .

SOLA, Lourdes. " O Golpe de 1937 e o Estado Novo. *IN*: Carlos Guilherme Mota. **Brasil em Perspectiva**. 12ª ed. São Paulo: DIFEL, 1981.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve Histórico do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.